

## O CURRÍCULO INTERCULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR, PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE

Carlos Geraldo de Oliveira Sousa<sup>1</sup>  
Francisco de Assis da Macena Júnior<sup>2</sup>  
Marília Nóbrega Pereira de Farias<sup>3</sup>

### RESUMO

O currículo intercultural enquanto espaço formativo deve ocupar o papel de instrumento de uma política cultural, pois, sua construção precisa garantir a valorização dos mais diversos saberes e respeitar as mútuas singularidades, exercendo um papel emancipador e desconstruindo a ideia de neutralidade e homogeneidade. Este trabalho propõe uma reflexão acerca da importância da efetivação de um currículo intercultural na escola que valorize a diversidade de conhecimentos, culturas e valores dos indivíduos. Objetiva-se problematizar a prática docente, enfatizando a proposta de um currículo intercultural que dialogue com os saberes e fazeres da comunidade no espaço escolar. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Para a elaboração desta pesquisa, destacamos contribuições de (CANDAU, 2000), (TARDIF, 2002), (SILVA, 2013), (VEIGA, 1992). Compreendemos que o currículo possibilita a construção de uma escola enquanto espaço de diálogo, cooperação e relações coletivas, potencializando as subjetividades oferecendo oportunidades para as vozes silenciadas no currículo na construção de conhecimento.

**Palavras-chave:** Currículo intercultural. Contexto escolar. Prática pedagógica. Formação docente.

### THE INTERCULTURAL CURRICULUM IN THE SCHOOL CONTEXT, PEDAGOGICAL PRACTICE AND TEACHER TRAINING

### ABSTRACT

The intercultural curriculum as a training space must play the role of instrument of a cultural policy, because its construction needs to guarantee the appreciation of the most diverse knowledge and respect the mutual singularities, exercising an emancipatory role and deconstructing the idea of neutrality and homogeneity. This work proposes a reflection on the importance of implementing an intercultural curriculum at school that values the diversity of knowledge, cultures and values of individuals. The objective is to problematize the teaching practice, emphasizing the proposal of an intercultural curriculum that dialogues with the knowledge and practices of the community in the school space. This is a bibliographic and documentary research. For the elaboration of this research, we highlight contributions from (CANDAU, 2000), (TARDIF, 2002), (SILVA, 2013), (VEIGA, 1992). We understand that the curriculum enables the construction of a school as a space for dialogue, cooperation and collective relationships, enhancing subjectivities by offering opportunities for voices silenced in the curriculum in the construction of knowledge.

**Keywords:** Intercultural curriculum. School context. Pedagogical practice. Teacher training.

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: [c.geraldo12@hotmail.com](mailto:c.geraldo12@hotmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, E-mail: [junior.com-jesus@hotmail.com](mailto:junior.com-jesus@hotmail.com);

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores pela Universidade Estadual da Paraíba, Membro do Grupo de Pesquisa: Observatório de Pesquisas e Estudos Multidisciplinares – UEPB, E-mail: [profmarilianpf@gmail.com](mailto:profmarilianpf@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

O Currículo não é algo estático, sem movimento. Esta dinamicidade solicita do espaço escolar a realização desta prática dinâmica sobre uma visão em que não seja fechada, mas que seja um instrumento do qual possa efetivar impactos de ressignificação para os sujeitos, pois seus viéses pedagógicos têm como princípio entrelaçar conhecimentos que nele são traduzidos para realidades cotidianas do espaço educacional, neste sentido, é preciso que a escola socializar-se com os diversos saberes e facilite a aprendizagem de outros conhecimentos para os estudantes.

O espaço escolar que por sua vez é direcionado por um currículo automático de transmissão de conteúdos, precisa enxergar se estes conteúdos estão intrinsecamente ligados com a realidade social, política e identitária da comunidade que os recebem, pois pensar o currículo para a diversidade é respeitar os sujeitos nas suas mais diversas singularidades e potencialidades.

Diante desta exposição, a temática central deste artigo se desenvolve acerca do tema *O currículo intercultural no contexto escolar e a prática docente*, sendo a temática relevante para a refletirmos acerca da importância que o currículo tem em sua dimensão cultural e política, ao mesmo tempo que tais reflexões nos possibilitam uma nova visão para a formação profissional e o fazer docente.

Os motivos dos quais se fizeram determinantes na escolher dessa temática se pautam na crença de que a escola tem um papel fundamental na construção e na formação de cidadãos. Por percebermos que o modelo de currículo aplicados nas escolas têm um caráter hegemônico e ideológico, neste sentido, as múltiplas representatividades existentes no ambiente escolar nem sempre são visibilizadas e, como sabemos, o fazer educativo deve garantir a oferta de espaço de diálogo, cooperação e relações coletivas como alternativas que possibilitaram aos estudantes que seus saberes – experiências de mundo - sejam levados em consideração.

Debates como esses devem permear – sempre que possível – o campo educacional. Sabemos que não é fácil colocar em prática um currículo que respeite, que dialogue e valorize a diversidade cultural existente no meio social. A partir do momento que discutimos o currículo sobre uma perspectiva crítica, sem dúvidas, o ambiente escolar terá uma nova “roupagem”, pelo fato de enxergarmos o potencial de desenvolvimento de impactos significativos.

Neste artigo objetivamos trazer, desenvolver contribuições discursivas e significativas do ponto de vista sociocultural sobre a relevante importância das instituições escolares em adotarem um currículo que seja democrático, inclusivo que rompam com os

padrões sociais dominantes e decolonial. Do ponto de vista profissional, o que nos levou a discorrer sobre a temática foi a possibilidade perceptiva pautada em ideais que identificam força para com a pesquisa em relação a subsidiar novos olhares pedagógicos sobre as questões que envolvem práticas de ensino e currículo.

Em relação ao ponto de vista estreitamente pessoal, pautamo-nos na ótica que vislumbra a contribuição para a formação acadêmica, nos faz enxergar os pormenores desafios que o campo educacional enfrenta a fim de desenvolver uma educação pautada na equidade, na garantia dos direitos dos cidadãos respeitando os limites e as perspectivas socio-educacionais.

Propomos como objetivo geral a reflexão relacionando a importância da efetivação de um currículo intercultural na escola, valorizando a diversidade de conhecimentos, culturas e valores dos indivíduos. Como específicos, discutiremos o currículo intercultural no contexto escolar; a prática docente e a pesquisa relacionando-as com contribuições na formação do conhecimento escolar.

Para fundamentar teoricamente este escrito, levantaremos uma discussão apoiando-nos na ótica de vários autores que refletem a educação na perspectiva intercultural, a exemplo de (CANDAU,2000). Somando-se a estas discussões, refletiremos sobre os saberes docentes e a formação profissional utilizando contribuições de (TARDIF, 2002) e para fundamentarmos nossas discussões em relação ao currículo como documento de identidade, utilizaremos contribuições de (SILVA, 2013) já para a construção de um pensamento teórico voltado para a prática pedagógica, (VEIGA, 1992) nos auxiliará.

Trata-se de um artigo reflexivo, cuja pesquisa se efetiva sobre um caráter documental e bibliográfico. Cujas características principais refletem em “toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses”. (Marconi; Lakatos, 2011, p.183).

Este artigo está organizado em dois tópicos. No primeiro tópico discutiremos sobre o currículo intercultural no contexto escolar e no segundo tópico, abordaremos discursivamente sobre as interfaces do currículo, prática pedagógica e formação docente.

## **2 O CURRÍCULO INTERCULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR**

Neste tópico discutiremos o currículo intercultural como um objeto de estudo que precisa ser repensando alicerçado pela forma como estar sendo colocado em prática no

cotidiano escolar. Pensar o currículo como objeto de conhecimento, reinvenção, ressignificação e de identidades no campo educacional.

Candau (2000, p. 53), quando reflete sobre a cultura escolar cristalizada na escola, aponta que a “cultura escolar predominante nas nossas escolas se revela como “engessada”, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças e jovens a que se dirige e à multiculturalidade das nossas sociedades”.

Por esta visão, a monoculturalidade presente em boa parte dos currículos e das práticas pedagógicas têm grande influência de reprodução política-ideológica; fato este que justifica a necessidade de contestação a fim de que seja corrigido – ao menos, é isso que se almeja – os efeitos produzidos da reprodução social errônea desde outrora.

A ideia que almejamos construir em torno do currículo intercultural surge da necessidade e percepção em que o currículo tradicional que é ensinado em nossas escolas, precisa ser reinventado. Daí surge a necessidade pautando-se no pensamento e observações com relação a questões de organização curricular nas escolas.

É suma importância que o tecido social seja “rasgado” para que deixemos de lado a reprodução de ideologias dominantes e possamos avançar rumo a uma educação que seja para a prática da liberdade, da autonomia de crianças, jovens, adultos e idosos, ou seja, de uma educação problematizadora, capaz de levar em consideração a emancipação dos sujeitos de modo que estes possam desnudar todas as formas de violências simbólicas e hegemônicas que existem por trás dos modelos curriculares tradicionais.

Se vivemos numa sociedade em que os padrões hegemônicos ainda perpassam o chão das escolas como uma cultura dominante, precisamos não somente intervir com reflexões-críticas ao currículo, como, também, utilizar-se de práticas pedagógicas docentes e de formação profissional que reitere a necessidade de transformação. Sabemos o quão complexo é atrelar conhecimentos científicos com conhecimentos práticos, de modo que estes tragam implicações explícitas a partir da realidade do estudante, da sua cultura e dos seus valores identitários.

As teorias pós críticas do currículo escolar colocam os processos de ensino-aprendizagem, ação essa realizada pelos docentes na sala de aula como um movimento de tentativa de dá voz aos excluídos e subalternizados que estão contidos nas escolas, mas que muitas das vezes silenciados, onde suas subjetividades não são levadas em consideração, sendo preciso que as formações de professores sejam refletidas a partir da ótica de uma educação progressista, igualitária e representativa.

O espaço escolar é um dos meios sociais formativos dos sujeitos, no qual a diversidade cultural se faz representada neste local de trocas de experiências coletivas, de

indivíduos com subjetividades, valores e identidades construídas nas relações familiares e comunitárias advindas dos cotidianos a qual estão inseridas.

Neste sentido, a escola como espaço formativo deve-se preocupar em pensar uma educação numa perspectiva emancipatória que respeite os diversos lugares de falas das pessoas que compõem este processo educativo. O currículo escolar numa visão intercultural, por sua vez, deve ser colocado em prática, tendo em vista que o mesmo deve ocupar um espaço de conhecimento. O currículo é, pois, também uma questão de identidade social.

Logo, sabemos que a sociedade capitalista a qual estamos inseridos de forma sutil, ideológica, neoliberalista sufoca – implicitamente – esse currículo de ser posto em prática uma vez que a luta constante do sistema ideológico de estado é preparar sujeitos que sejam capazes de atender os anseios da produção e do lucro, invisibilizando as subjetividades particulares e desprezando os seus conhecimentos, valores culturais e identitários.

Se a escola recebe seres da sociedade formados ideologicamente por padrões impostos e reprodutivos alicerçados em valores, refletirá, pois, nas práticas educacionais levando em conta que o currículo escolar na sua grande completude se pauta no modelo de currículo oficial prescrito pela base nacional, deixando de ser um currículo plural para ser um currículo monocultural.

A educação como um todo se vê impelida de reconstruir e ressignificar novos conceitos a partir da ótica da diversidade cultural, da igualdade presente dentro dos espaços educacionais. Segundo a concepção de Candau (2012, p. 27) sobre Igualdade “[...] a igualdade que queremos construir assume o reconhecimento dos direitos básicos de todos/as [...]”. Para que essa igualdade de direito seja efetivada na escola, precisa-se construir por todos os envolvidos uma ótica voltada para as diferenças que constituem nossa sociedade.

Se compreendermos que o currículo precisa ser de fato incluído institucionalmente e que tenha intencionalidades, a escola numa perspectiva de educação intercultural significa acreditar que é preciso reconstruir esse espaço e que outros conhecimentos, outras culturas sejam levadas em conta. Assim, afirma Candau:

A educação intercultural afeta não somente aos diferentes aspectos do currículo explícito – objetivos, conteúdos propostos, métodos e estilos de ensino, materiais didáticos utilizados, etc. –, como também o currículo oculto e as relações entre os diferentes agentes do processo educativo – professores/as, alunos/as, coordenadores/as, pais, agentes comunitários, etc. Neste sentido, trabalhar os ritos, símbolos, imagens, etc., presentes no dia-a-dia da escola e a auto estima dos diferentes sujeitos e construir relações democráticas que superem o autoritarismo e o machismo tão fortemente arraigados nas culturas latino-americanas, constituem desafios iniludíveis. (2008, p. 59)

Sendo o currículo considerado uma construção social, intencional e de lutas de poder, faz sentido cada vez mais pensar o currículo escolar intercultural como um território fecundo de diálogo entre os diferentes saberes, de articulação por assim compreender que as diferenças precisam ter lugares de falas.

### **3 PRÁTICA PEDAGÓGICA, CURRÍCULO E FORMAÇÃO DOCENTE**

Neste tópico buscaremos refletir sobre a prática pedagógica e suas intencionalidades, o papel do currículo na efetivação das mesmas e as contribuições da formação docente para a consolidação das práticas docentes e curriculares no âmbito da sala de aula considerando seu caráter dinâmico.

A prática educativa realizada no dia a dia da escola se efetiva como um grande desafio. Uma vez que olhar para o ambiente escolar e pensar as múltiplas representações que nela estar constituída é, por vezes, colocar o professor a refletir – constantemente – sobre sua prática educativa que é processo contínuo, com necessidades advindas do cotidiano escolar, de forma a favorecer o diálogo e estimular a reflexão da prática pedagógica provocando a (re) elaboração de saberes.

Assim, conceitua Veiga (1996, p.6) a prática pedagógica como “[...] uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social [...]”. Toda prática exercida na escola deve estar articulada com um propósito educativo, estabelecendo interconexões com o outro e para o outro, oportunizando espaços de diálogos críticos e reflexivos.

Torna-se desafiador para o professor desenvolver práticas pedagógicas e curriculares que de fato insira o sujeito dentro deste contexto de participação e construção do conhecimento, o docente precisa ser consciente do seu papel frente à educação, pois, como discutimos anteriormente, o currículo que temos é um modelo hegemônico que segrega e não respeita as pluralidades de saberes e diferenças de aspectos culturais.

Uma escola que se preocupa com o desenvolvimento de práticas pedagógicas que tenham intencionalidades e sejam articuladas com o currículo, valorizando os saberes e fazeres dos estudantes, ou seja, sua experiência. Sem sombra de dúvidas, só tem a crescer uma vez que visar salutar e deixar que o outro dialogue, sinta-se representado ou faça sua própria representação. Desse modo, sentir-se representado é perceber seu valor, sua identidade, seu conhecimento.

O grande educador Paulo Freire considera que a práxis educativa dentro do processo pedagógico, dialogo para uma educação na perspectiva transformadora. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. (FREIRE, 1987, p. 38). Exige-se do educador uma postura crítica permanente, de reconhecimento e de emancipação humana, que reconheça seu papel frente ao trabalho educativo desenvolvido no ambiente escolar.

A educação como prática liberdade é aquela capaz de formar o estudante para se posicionar de forma crítica. Neste viés, ensinar exige reflexão sobre a prática bem como, também, um currículo que seja humanizado que faça com que seus interlocutores busquem nesse processo a conquista de sua liberdade. Comentam Menezes e Santiago (2014)

Uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens. Esta educação exige que os 15537 homens e as mulheres estejam engajados na luta para alcançar a libertação, em um processo incessante de conquista que se dá na comunhão com os outros, o qual resulta de uma conscientização em que os homens e as mulheres (crianças, jovens e adultos) compreendem a sua vocação ontológica e histórica de ser mais. (MENEZES e SANTIAGO, 2014, p. 50)

Diante disso o currículo escolar não é neutro tampouco fragmentando. Portanto, precisa ser ressignificado, estar além dos conteúdos pré-estabelecidos nos documentos oficiais, atuando de modo integrador e dialógico, não necessariamente precisa vim de cima para baixo, pelo o contrário, é preciso ouvir as diversas vozes e respeitar as singularidades e, cabe ao educador, fazer essa análise crítica no desenvolvimento de sua ação docente na escola.

A reelaboração de práticas educativas dentro do ambiente escolar é uma das possibilidades que desafia o educador a pôr em prática outros conhecimentos, geralmente, além do que foi planejado ou pré-determinado no plano escolar. Silva (2013, p. 55) explicita que escola como “[...] um local, onde ativamente, se produzem e se criam significados sociais” devendo favorecer condições dialógicas para discutir sobre currículo, favorecendo as interfaces com a prática pedagógica.

Neste sentido, as influências do contexto social que são desencadeadas na construção do currículo são complexas, por tratar das relações de poder e de ideologia sendo força influente do sistema capitalista. Outro aspecto a elucidar neste artigo repousa sobre as interfaces da prática pedagógica e da formação docente, pois, a formação dos profissionais da educação são elos para se pensar uma prática educativa que esteja interligada com o currículo, é, pois, na formação que o docente se (re) constrói como um profissional participante da construção de novos saberes, saindo do seu anonimato.

Para Tardif (2002), a prática pedagógica estar intrinsecamente ligada a formação docente, já que nelas os educadores têm a oportunidade de refletirem sobre sua atuação e, assim melhorarem suas metodologias no cotidiano escolar e pedagógico. Segundo o autor

[...] a prática pode ser vista como um processo de aprendizagem por intermédio do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão [...]. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquiridos antes ou fora da prática profissional (TARDIF, 2002, p. 53)

Corroborando, ressalta Pimenta (2002) que a formação de professores precisa de uma profunda reflexão que seja de fato significativa, elas precisam estar dentro das necessidades do docente para uma prática de metodologias que venham a favorecer o processo educativo, uma vez que o professor é o mais importante elo entre os conhecimentos historicamente construídos e os educandos que irão receber. Para esse autor:

Uma das demandas importantes dos anos noventa, em relação à atividade docente, é, justamente, repensar a formação inicial e continuada dos professores, a partir da análise das práticas pedagógicas docentes, ou seja, do cotidiano escolar (PIMENTA, 2002, p. 143)

É pela formação docente que se configurará um modelo pedagógico que de fato interligue as mais diversas realidades do cotidiano escolar, é neste ambiente formativo que se deve pensar acerca do que ensinar, como ensinar e para quem ensinar. Estas são as inquietações que nos colocam a frente como educador, tecendo um novo olhar a partir das práticas pedagógicas realizadas.

Quando refletimos sobre currículo, prática pedagógica e formação docente estaremos reconhecendo que ambos têm intencionalidades no campo educativo, essa junção efetivada na escola garante um ensino que de fato seja preocupado com a construção do cidadão e amenize as desigualdades sociais existentes ainda dentro desse espaço formativo.

e acordo com Freire (2016), “a essência da formação permanente de educadores e educadoras é a reflexão sobre a prática para melhorá-la”. Segundo este autor, a formação docente está além de aperfeiçoamento, de um diploma pautando-se na busca constante de reflexão de como estar sendo desenvolvido o trabalho educativo e quais são os impactos que esse trabalho estar trazendo em termo de inovação no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



Fazer educação na contemporaneidade se tornou para todos nós educadores um grande desafio, o espaço educativo que temos hoje é plural e por ser plural, a escola não estar e nem se preparou para a diversidade multi/intercultural que estar presente em seu cotidiano.

O currículo escolar intercultural, por sua vez, deve assumir um papel fundante na valorização da diversidade seja ela cultural, religiosa e/ou étnico, uma vez que os padrões hegemônicos da sociedade atual asfixia toda e qualquer forma de diferença que não atenda aos anseios capitalistas. A escola deve garantir aos estudantes sua plena formação integral, na construção de sua cidadania, de sua identidade e no respeito de seus valores culturais, na oportunidade de valorizar o diálogo como uma ferramenta necessária para se pensar uma educação na construção crítica e libertária.

O tema deste artigo nos coloca a refletir profundamente em como a escola tem organizado sua estrutura administrativa e política alinhando o pensamento a um currículo que de fato esteja a serviço dos estudantes, quebrando com as ideologias dominantes do capitalismo segregador e construindo nos estudantes suas subjetividades e valorização de pertença.

Como professores temos nos inquietados bastante quando vemos que na realidade em que estamos inseridos, outros educadores não param para refletir sobre os impactos que as questões curriculares trazem de negativo. Na maioria das vezes, colocam em prática tudo que já chega pré-estabelecidos pelos os currículos oficiais. Todavia, temos que nos dá conta de que o modelo de sociedade que temos, muitas das atitudes sutis chegam para nós em forma de violência simbólica “silenciada”.

Percebemos que urge investirmos em formação de professores que de fato traga um conhecimento crítico sobre a sua prática e, uma das possibilidades de não “engessar” as aulas ou até mesmo nossas práticas educativas dentro do contexto escolar – lembremos sempre disso – é preciso que os processos de ensino-aprendizagem suplementem as múltiplas representatividades (identidades) que nos cercam no ambiente escolar.

Portanto, pensar o currículo, a prática educativa e a formação docente na escola são pontos chaves para se ter uma educação escolar que de fato tenha seus desdobramentos do ensino tradicional bancário rumo a um ensino democrático e de equidade.

## 5 REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação escolar. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Reinventar a escola**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CANDAU, Vera Maria. **Reinventar a escola**. Petrópolis, RJ: vozes, 2008 a

CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Didática crítica** intercultural: aproximações. Petrópolis, RJ; Vozes, 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7.ed. São Paulo: Atlas:2011.

MENEZES, M. G. D.; SANTIAGO, M. E. Contribuições do Pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Proposições**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 45- 62, set./dez., 2014. Disponível em: Acesso em: 08 dez. 2021.

PIMENTA, S. G. **De professores, pesquisa e didática**. Campinas: Papyrus, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TARDIFF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional** – O trabalho docente, a pedagogia e o ensino. Petrópolis, Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos A. **A prática pedagógica do professor de didática**. Campinas: Papyrus, 1992.